

Canções brasileiras como recurso didático para o ensino do fenômeno de variação linguística na Educação Básica

Brazilian Songs as a Didactic Resource for Teaching the Phenomenon of Linguistic Variation in Basic Education

Dayane Pereira Barroso de Carvalho

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

dayanepereirabr@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7792-4514>

Gilberto Freire de Santana

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

gilbertosantana@uemasul.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3018-3018>

Maria da Guia Taveiro Silva

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

maria.silva@uemasul.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-6520-1845>

RESUMO

O objetivo deste artigo é propor a incorporação de canções brasileiras como recurso didático para promover discussões sobre a variação linguística e percepção de variação fonético-fonológica para estudantes da educação básica, precisamente no Ensino Médio. Para alcançar tal objetivo, realizamos uma pesquisa documental, conforme orientado por Gil (2002). Escolhendo registros de canções brasileiras como fonte documental, acessíveis *on-line*, priorizamos os cantores/falantes de diferentes regiões do país, como Luiz Gonzaga, Emicida, Luísa Sonza, Pabllo Vittar, Anitta, Dona Onete e Gilberto Gil, e característica diversidade de gêneros, do forró/baião ao *rap*, *funk*, do carimbó à MPB, garantindo representatividade regional de falantes nas cinco canções selecionadas. Para análise dos dados, recorreremos aos estudos da Sociolinguística Educacional, segundo orientação de Bortoni-Ricardo (2004), focando no alofone (variação do fonema),

conforme Pedrosa e Da Hora (2007). Ainda que existam limitações em pesquisas documentais, como a falta de levantamento da preferência musical nacional, regional e local de estudantes da educação básica, optou-se, a partir da diversidade e de possibilidades de enfoque, por falantes/cantores/canções que, de certa maneira, fazem parte do universo dos estudantes/ouvintes, caso não, oportuniza a eles novos (re)conhecimentos linguístico-culturais. Destacamos a imersão prática na diversidade linguística, o alinhamento com as diretrizes da BNCC (2018), o estímulo à percepção fonético-fonológica e a criação de um ambiente educativo representativo. A pesquisa indica canções brasileiras em sua diversidade, interpretadas falantes/intérpretes musicais de diversas regiões do país, podem constituir ferramentas pedagógicas produtivas para discussões sobre o fenômeno da variação linguística no Ensino Médio, evidenciando uma multiplicidade de fenômenos sociolinguísticos.

Palavras-chave: Variação linguística; ensino de Língua Portuguesa; Educação Básica.

ABSTRACT

The aim of this article is to propose the incorporation of Brazilian songs as a didactic resource to promote discussions about linguistic variation and perception of phonetic-phonological variation in basic education, specifically in high school. To achieve this objective, we conducted documentary research, as guided by Gil (2002). Selecting records of Brazilian songs as a documentary source, accessible online, we prioritized singers/speakers from different regions of the country, such as Luiz Gonzaga, Emicida, Luísa Sonza, Pabllo Vittar, Anitta, Dona Onete, and Gilberto Gil, representing a diverse range of genres, from forró/baião to rap, funk, carimbó to MPB, ensuring regional representativeness of speakers in the five selected songs. For data analysis, we relied on educational sociolinguistic studies, following Bortoni-Ricardo's (2004) guidance, and studies of allophones (phoneme variation), as per Pedrosa and Da Hora (2007). Although there are limitations in documentary research, such as the lack of a survey on the national, regional, and local musical preferences of basic education students, we chose, based on diversity and possibilities of focus, speakers/singers/songs that, in a way, are part of the students/listeners' universe or provide them with new linguistic-cultural (re)knowledge. We emphasize practical immersion in linguistic diversity, alignment with the BNCC guidelines, stimulation of phonetic-phonological perception, and the creation of a representative educational environment. The research suggests that Brazilian songs in their diversity, interpreted by speakers/musical interpreters from various regions of the country, can constitute productive pedagogical tools for teaching linguistic variation in high school, highlighting a multiplicity of sociolinguistic phenomena.

Keywords: Linguistic variation; Portuguese Language Teaching; Basic Education.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante da compreensão de que o espaço escolar está se tornando cada vez mais socialmente heterogêneo, o que naturalmente viabiliza uma maior diversidade linguística, apresentamos neste artigo uma proposta de ensino que aborda aspectos da variação linguística no Português Brasileiro (PB). Esta abordagem segue as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um dos principais documentos que orientam a educação básica no país. Nosso principal objetivo é sugerir a incorporação de canções brasileiras, a partir do canto de falantes/intérpretes musicais, como recurso didático para discussões a respeito da variação linguística e a percepção de variação fonético-fonológica na educação básica, especificamente no II ciclo do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

A utilização de canções brasileiras como ferramenta pedagógica busca não apenas enriquecer o repertório cultural dos estudantes, mas, também, propiciar uma imersão prática na pluralidade linguística do Português Brasileiro (PB). Nesse sentido, o cancionário utilizado para o desenvolvimento dessa proposta é o mote para a problematização e reflexão crítica dos falares do português brasileiro. A BNCC destaca a importância de abordagens que considerem a diversidade linguística e cultural do país, e a inserção de elementos musicais no ensino se mostra como uma estratégia eficaz para atingir esse propósito. Ao incorporar canções de diferentes gêneros e regiões do Brasil, a proposta busca criar um ambiente educativo que reflita a riqueza linguística presente na sociedade brasileira. Além disso, pretende-se estimular a percepção dos estudantes em relação às nuances fonético-fonológicas que caracterizam as diversas manifestações linguísticas no país.

No II ciclo do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, período crucial para o desenvolvimento linguístico dos estudantes, a proposta visa não apenas atender às exigências curriculares, mas também proporcionar uma experiência educativa envolvente e relevante. Mediante a imersão, a partir dos cantos/interpretações de canções representativas da diversidade linguística brasileira, busca-se promover a apreciação estética, o engajamento e a compreensão crítica das nuances linguísticas presentes na sociedade. A relevância deste trabalho está em propor abordagens que visem à reflexão do fenômeno da variação linguística e que façam sentido para a vida. Isso porque se

considera um ensino que não se resume aos manuais normativos, mas que contemple também elementos da vida cotidiana dos discentes, entre os quais se destacam as canções brasileiras dos mais diversificados gêneros.

Para alcançar nosso objetivo, recorreremos à pesquisa documental como abordagem metodológica. Esse tipo de abordagem, segundo Gil (2002), apesar de se assemelhar à pesquisa bibliográfica, difere substancialmente na natureza das fontes. Enquanto a bibliográfica recorre à contribuição de autores e pesquisadores da área, a documental vale-se de materiais mais diversificados como cartas, documentos pessoais, fotografias, memorandos, ofícios, boletins, gravações (como é o caso de canções), inscrições em banheiros, epitáfios, registros de batismo, entre outros. Para o teórico, as principais vantagens de pesquisas documentais são as fontes ricas e estáveis de dados, haja vista que os documentos subsistem ao longo do tempo.

Os documentos escolhidos em nosso estudo são registros de canções brasileiras, os quais podem ser facilmente encontradas em diversos *sites*, em plataformas digitais e *streamings*, como a plataforma gratuita do YouTube, por exemplo. Como critério de escolha das canções, realizamos uma primeira audição de canções de artistas/cantores que julgamos ter um público de ouvintes considerável por todo o país, o que não necessariamente implica em ser apreciada unanimemente na opinião pública. Além disso, consideramos importante fazer a escolha de gêneros musicais diversificados, de modo a contemplar possíveis gostos musicais de diferentes estudantes inscritos na educação básica. Outro critério para a seleção das canções foi de estabelecer que os cantores/intérpretes deveriam ser de regiões diferentes do Brasil, o que viabilizou contemplar, nas cinco canções escolhidas, falantes das cinco regiões brasileiras.

Ainda que nosso estudo apresente algumas limitações, dado que não foi realizado qualquer levantamento para conhecer a preferência musical de estudantes por todo o país, optou-se, a partir da diversidade e de possibilidades de enfoque, por falantes/cantores/canções que, de certa maneira, fazem parte do universo dos estudantes/ouvintes, caso não, oportuniza a eles novos (re)conhecimentos linguístico-culturais. Como principais benefícios citamos a imersão dos estudantes na pluralidade linguística, pois a utilização de canções permite a eles vivenciarem de maneira prática a diversidade linguística presente no PB, proporcionando uma compreensão mais profunda e sensível das diferentes formas de expressão. Também citamos o atendimento às diretrizes da BNCC, pois nossa proposta alinha-se às orientações da Base Nacional

Comum Curricular (BNCC), que destaca a importância de abordagens pedagógicas que considerem a diversidade linguística e cultural do país, contribuindo para o cumprimento das diretrizes educacionais. Além disso, em nosso estudo viabilizamos o estímulo à percepção fonético-fonológica e um ambiente educativo representativo, pois a escolha de canções de diferentes gêneros e regiões cria um ambiente educativo que reflete a riqueza linguística da sociedade brasileira.

Este estudo está dividido em cinco seções. A primeira apresenta este conteúdo introdutório, por meio do qual realizamos uma breve contextualização da nossa proposta de pesquisa, objetivo geral do estudo, breve descrição da metodologia e informamos nossa principal base teórica. A segunda seção trata, de forma mais aprofundada, do primeiro aspecto da fundamentação teórica e se refere à temática de variação linguística e ensino de Língua Portuguesa. A terceira também está relacionada à discussão teórica, desta vez alusiva à estrutura silábica e sua relação com possibilidades de variação linguística. Na quarta seção apresentamos nossa proposta de incorporação de canções brasileiras como recurso didático, realizando cinco demonstrações de análises fonético-fonológicas a partir da diversidade de falantes/cantores/canções. Na quinta e última seção informamos nossas considerações finais, considerando os resultados obtidos em nosso artigo.

O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A consolidação da biunivocidade entre oralidade e escrita é amplamente reconhecida por linguistas em todo o mundo, e essa realidade não difere no contexto acadêmico brasileiro. Pode-se afirmar, portanto, que existem diferenças entre a variedade padrão e a dialetal no Português Brasileiro (PB) (Bortoni-Ricardo; Baronas; Vieira, 2021; Bortoni-Ricardo, 2004; Freitag, 2021; Mendes, 2019a, 2019b). Segundo Freitag (2021), essas diferenças são pouco exploradas na Educação Básica, embora seu estudo seja recomendado em documentos oficiais que orientam a Educação Básica no Brasil, sendo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) um dos principais documentos nesse contexto.

Não apenas a BNCC, mas também o Guia de Obras Didáticas de Língua Portuguesa (LP), aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2020 (BRASIL, 2020), recomenda como competência específica para o ensino de LP a compreensão do fenômeno da variação linguística por parte dos discentes. Essa abordagem visa demonstrar uma atitude respeitosa diante da diversidade linguística, repudiando preconceitos linguísticos. Apesar de haver extensas pesquisas e publicações sobre a variação linguística no Português Brasileiro (PB), ainda persiste a dificuldade em traduzir esse conhecimento em uma aplicabilidade significativa no contexto da educação básica no país. Argumentamos, portanto, que é crucial contribuir para a criação de meios que reduzam as lacunas entre o conhecimento gerado na academia e sua implementação na educação básica. Isso visa aperfeiçoar o trabalho pedagógico nas escolas, tornando-o mais eficaz e relevante para a vida dos alunos.

A Sociolinguística, nesse contexto, apresenta-se como uma disciplina que “se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (Mollica; Braga, 2008, p. 9). Isso se deve ao fato de que o dinamismo social, impulsionado por motivações diversas, possibilita que grupos de falantes expressem uma linguagem dinâmica e multifacetada dentro do mesmo idioma.

Bortoni-Ricardo (2004), com o intuito de fortalecer a Sociolinguística Educacional, que já se tornou um campo de ação consolidado no Brasil, propõe que o ensino da língua natural esteja comprometido e engajado na luta contra as “agudas desigualdades sociais” e contra os “perversos preconceitos que elas suscitam” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 7). Para a pesquisadora, é preciso converter o senso comum que difunde a diferença linguística como deficiência linguística, força motriz do preconceito linguístico e da exclusão social em eventos nos quais a linguagem é a principal mediadora. De modo que

[...] cabe à escola levar os alunos a se apoderarem também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 9).

Em vista disso, Moreira, Carmo e Taveiro-Silva (2020, p. 840) afirmam que na sala de aula é possível perceber que são vários os indivíduos que apresentam “características particulares, relacionadas à sua cultura e modo de vida”. A explicação é elementar: a partir da democratização do ensino, a escola contemporânea passou a receber um público mais heterogêneo, cuja diversidade se reflete, também, na linguagem (Bortoni-Ricardo, 2004; Soares, 2007). É importante que, na educação básica brasileira, os alunos, enquanto falantes de uma mesma língua orgânica e heterogênea, sejam conduzidos a estudos que visem à percepção das variedades linguísticas em sua própria língua natural, bem como o acesso à variedade linguística socialmente prestigiada como meio de promover a aquisição de uma ampla competência comunicativa.

Para tal, importa considerar que “a variação ocorre em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico-lexical, discursivo)” (Coelho *et al.*, 2018, p. 8) e não acontece de maneira desassociada ou isolada de um contexto social ou cultural específico/determinado. Segundo as autoras,

[...] existem forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala. A essas forças damos o nome de condicionadores [...], que podem ser linguísticos – classes de palavras envolvidas no fenômeno da variação, aspectos semânticos etc. – e extralinguísticos – que podem ser de natureza social como sexo/gênero, grau de escolaridade, faixa etária e outros (Coelho *et al.*, 2018, p. 20).

Todavia, antes de se chegar a esse entendimento, alguns estudiosos, já superados, defendiam que os fatores denominados extralinguísticos são inerentes ao funcionamento da língua, não existindo, portanto, condicionantes exteriores à língua que a influencie (Bloomfield, 1933; Ducrot, 1981). Outros estudiosos, mesmo na atualidade, continuam considerando que aquilo que não diz respeito diretamente ao código linguístico *per se* é conteúdo secundário; portanto, desnecessário para o ensino científico da LP na educação básica (Borges Neto, 2013). Neste estudo, no entanto, adotamos o termo extralinguístico para indicar “a variação vista de fora da língua: regional ou geográfica, social, estilística, na fala e na escrita”, enquanto aspecto fundamentalmente relevante para a compreensão e percepção do funcionamento da linguagem (Coelho, 2018, p. 37).

Para um melhor entendimento, os estudos de William Labov (2008) se tornam oportunos, visto que o sociolinguista dedicou seus estudos à variação linguística dentro do contexto social em que os falantes vivem. O teórico faz um contraponto às teorias que

propunham determinantes gerais de ordem psicológica, fisiológica ou climática como fatores influenciadores na variação linguística, afirmando que, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008, p. 21). Consequentemente, o entendimento sobre a variação linguística deve levar em conta a vida social da comunidade.

Labov assegura, ainda, que uma variação no comportamento linguístico não necessariamente exerce, por si mesma, influências poderosas no desenvolvimento social dos falantes, tampouco afeta expressivamente as perspectivas de vida do indivíduo. Para o estudioso, a linguagem como forma de comportamento social pode servir de indicador sensível de muitos outros aspectos sociais, resultando em mudanças e/ou variações no uso da linguagem com maior ou menor grau de prestígio.

Vale ressaltar que o grau de prestígio de uma determinada forma linguística pode resultar em estigmas e preconceitos linguísticos, como bem informa Bagno (2007). Esses preconceitos, na verdade, têm raízes mais profundas e estruturais, principalmente porque têm origem social: preconceito de raça e de classe. González (1984), inclusive, é pioneira quando denuncia contundentemente o racismo e o sexismo na cultura brasileira. A estudiosa levanta uma questão importante para a nossa discussão, a respeito do rotacismo (a troca do /l/ pelo /r/ na fala de pessoas afrodescendentes, como pode ser observado a seguir:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está pretuguês (González, 1984, p. 238).

Nesse sentido, as reflexões sobre o fenômeno da variação linguística na educação básica também devem passar pela ótica do racismo, haja vista que o preconceito linguístico se trata, em primeira instância, de preconceito social, ou, nas palavras de Nascimento (2019), racismo linguístico. Dessa forma, é fundamental colaborar para o desenvolvimento de estratégias que diminuam as distâncias entre o conhecimento produzido na academia e sua aplicação na educação básica, principalmente quando essas discussões trazem à baila reflexões mais profundas como os preconceitos linguísticos/sociais. Tal iniciativa, como é o caso dessa proposta de estudo, busca

aprimorar a prática pedagógica nas escolas, conferindo-lhe maior eficácia e relevância para a vida dos alunos.

ESTRUTURA SILÁBICA E O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Mollica e Braga (2008), ao abordarem o fenômeno da variação linguística, dizem que “todo sistema linguístico, encontra-se permanentemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade” (Mollica; Braga, 2008, p. 12). Para explicar essa pressão de duas forças, as autoras argumentam que há uma espécie de interação e tensão contrários, fazendo com que as línguas exijam inovação, porque são orgânicas, ao mesmo tempo em que procuram se manter coesas, porque têm em si uma “base para a noção de comunidade linguística, caracterizada por padrões estruturais e estilísticos” (Mollica; Braga, 2008, p. 12). De sorte que, para as autoras,

A variação linguística pode ocorrer nos eixos diatópico e diastrático. No primeiro, as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo, elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta fronteiras sociais (Mollica; Braga, 2008, p. 12).

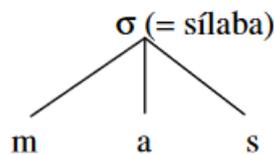
De forma complementar, Bortoni-Ricardo (2004) enfatiza que as variedades socialmente mais prestigiadas não possuem intrinsecamente uma superioridade em relação às demais. Por esse motivo, importa observar, no ensino de LP na educação básica, “o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 42). No PB, assim como em qualquer outra língua natural, é possível identificar distintas formas linguísticas conforme o grupo de falantes.

Nos aspectos fonético-fonológicos, por exemplo, Bortoni-Ricardo (2004) identifica o fenômeno de uma consoante pós-vocálica como incidente de maior variação, em relação à posição das outras consoantes. A autora menciona que o (-r) pós-vocálico, na oralidade, “independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente em infinitos verbais” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 80 e 85). Além desse exemplo, a estudiosa traz também o (s) pós-vocálico para tratar do contexto fonético-fonológico, ao qual a sociolinguista chama de princípio de saliência fônica.

Basicamente, o princípio de saliência fônica ocorre quando a forma da terceira pessoa do plural é muito distinta da forma da terceira pessoa do singular, havendo mais probabilidade de os falantes fazerem a flexão (Bortoni-Ricardo, 2004). Entretanto, quando a forma da terceira pessoa do plural é muito similar à forma da terceira pessoa do singular, ocorre o fenômeno da concordância nominal não-redundante. Por exemplo, a palavra /casa/ (singular) e /casas/ (plural) possuem formas muito semelhantes, cujo marcador de plural consiste somente no acréscimo do (s) em coda¹.

Para explicar a posição de coda, Pedrosa e Hora (2007) elaboraram o seguinte esquema de estrutura silábica:

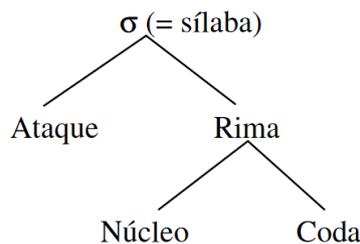
Figura 1 - Estrutura silábica



Fonte: Pedrosa e Hora (2007)

Os pesquisadores explicam que a estrutura da sílaba é organizada em dois níveis: 1) ataque e rima e 2) núcleo e coda (Selkirk 1982 *apud* Pedrosa; Hora, 2007), como pode ser observado no esquema a seguir:

Figura 2 - Níveis da estrutura silábica



Fonte: Pedrosa e Hora (2007)

De acordo com esse esquema, Pedrosa e Hora (2007) explicam que a relação entre o núcleo e a coda silábicos é mais típica que a relação entre o ataque e o núcleo. Assim, no PB qualquer consoante pode ocupar a primeira posição do ataque. A segunda posição,

¹ Seara (2011) conceitua coda enquanto posição periférica pós-vocálica em uma sílaba.

no entanto, só pode ser ocupada pelas consoantes /r/ ou /l/ para a formação de grupos consonantais /pr/, /cl/, /dr/, /bl/, /gr/, /fl/, /tr/, entre outros. O núcleo somente pode ser ocupado por vogais e em casos de ditongos leves, as semivogais ocupam, juntamente com as vogais, o núcleo silábico (Pedrosa; Hora, 2007).

Ao versarem sobre a posição de coda e a formação de ditongos verdadeiros, Pedrosa e Hora (2007) dizem que apenas quatro consoantes podem aparecer, sendo elas: /r, l, n, s/. A posição de coda, explicam os autores, é a posição mais débil da estrutura silábica, motivo pelo qual há maior probabilidade de variação (em qualquer posição que ocupe dentro de uma palavra), acentuando-se ainda mais na posição final da palavra.

Retomando o exemplo da palavra /casas/, cuja marcação de plural é identificada na última sílaba /sas/, tem-se um exemplo de (-s) em coda final. Neste caso, considerando a seguinte composição frasal /As casas bonitas/, há maior probabilidade de ocorrer o fenômeno de plural não-redundante. A tendência é que o (-s) em coda no artigo definido /Os/ seja o único marcador de plural, ficando o substantivo /casas/ e o adjetivo /bonitas/ no singular. Assim, o aparecimento do plural não-redundante ocorre da seguinte maneira: /As casaø bonitaø/.

Outro exemplo de variação fonético-fonológica consiste na regra de correspondência biunívoca entre os sons e a disposição das letras nas palavras (Barreira; Maluf, 2004). Isso se deve ao fato de que a pronúncia dos fonemas se reflete na língua escrita, a depender do grupo de falantes em diferentes limites físico-geográficos ou estratos sociais (variação diatópica e diafásica, respectivamente).

Dessa forma, é possível que em determinada região do país um grupo de falantes pronuncie a palavra /voz/, cuja estrutura silábica consiste em ataque /v/, núcleo /o/, coda /z/, da seguinte maneira: [ˈvɔs]. Mas, também, a pronúncia dos fonemas pode ocorrer com os seguintes fonemas: [ˈvɔʃ]; ou, até mesmo, dessa forma: [ˈvɔis]. Esta última apresenta uma estrutura silábica que contém ataque = [ˈv]; núcleo = vogal + semivogal falsa [ˈɔ], [ˈi]; e coda [ˈs]. Considerando a importância da aplicação de tais conhecimentos na educação básica, Barreira e Maluf (2004, p. 39) argumentam sobre a importância de

[...] observar que, do ponto de vista linguístico e cognitivo, a maior distância existente entre o sistema fonológico utilizado por alunos falantes de variantes linguísticas não-padrão e o sistema ortográfico a ser aprendido dificulta, sobretudo, o acesso à escrita ortograficamente correta. Isso porque para se

alfabetizar a criança inicialmente deve construir a hipótese de uma correspondência biunívoca entre as letras e os sons.

De maneira equiparada, Coan e Freitag (2011) também propõem à escola uma reflexão sobre a necessidade de abordagem da heterogeneidade linguística, destacando as diferenças, principalmente devido à democratização que trouxe para a escola alunos com vivências diversas. Esse é um dos motivos pelos quais os estudos voltados à variação linguística e percepção sociolinguística precisam estar relacionados na educação básica.

Também é oportuno dizer que Labov (2008, p. 161), em seus estudos sobre os indicadores fonológicos do falante nova-iorquino, pôde constatar que o falante “percebe sua própria intenção fônica, em vez de perceber os sons reais que produz”; isso porque “o padrão que governa a direção da variação estilística é determinado por um conjunto estruturado de normas sociais”, em um sentido amplo do termo: “conjunto fonêmico” (*ibidem*). O próprio falante nativo de uma determinada região é capaz de perceber sua intenção na pronúncia de um determinado fonema, mas nem sempre percebe o real som que produz.

Ao contrário da não-percepção de um som real que um falante produz sobre sua própria fala, os locutores são capazes de perceber as variações fonológicas na pronúncia de terceiros. Essas percepções são captadas a partir do que Labov chama de “reações subjetivas”, que são as “reações a variáveis fonológicas” na condição de “respostas desarticuladas”, portanto “abaixo do nível da percepção consciente” (Labov, 2008, p. 174). Ao versar sobre a mudança sonora, o teórico diz que tal variação pode ser isolada ou registrada por “observação através de duas gerações” (Labov, 2008, p. 194). Nesse segmento, “a mudança sonora afeta classes de palavras em conjunto, mais do que palavras individuais: no entanto, essas classes podem ser definidas por uma variedade de condições”, que são elas “morfofonêmicas e gramaticais tanto quanto fonéticas” (Labov, 2008, p. 195).

No Português Brasileiro (PB), as mudanças e variações fonológicas são perceptíveis tanto do ponto de vista diatópico quanto do diafásico. Nesse contexto, a identificação dessas mudanças ou variações constitui um conjunto de consciências metalinguísticas, que se traduzem como a consciência da própria palavra (Mollica; Braga, 2008). Destacamos, assim, a importância de contribuir para a criação de abordagens que promovam a compreensão da variação linguística e o desenvolvimento de percepções sociolinguísticas, especialmente nos aspectos fonético-fonológicos. Isso visa aprimorar o

trabalho pedagógico nas escolas, tornando-o mais eficaz e significativo para a vida dos alunos.

PERCEBENDO O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CANTO DE CANTORES/INTÉRPRETES BRASILEIROS: UMA PROPOSTA

Para apresentar uma proposta abordagem pedagógica sobre o fenômeno da variação linguística na educação básica, com o intuito de promover uma percepção sociolinguística mais aprimorada entre os estudantes, optamos por utilizar o canto/pronúncia, em trechos de cinco canções brasileiras, como *corpus* de análise. Através desses modos de cantar, realizamos uma análise elementar da variação fonológica. Importante ressaltar que não é necessário incidir em numerosas variáveis para indicar os significados sociais por meio da fala (Mendes, 2019b). Portanto, nossa proposta de análise é suficiente para alcançar os objetivos do nosso estudo.

Os cantos/pronúncias dos trechos de canções selecionados para nossa análise representam um exemplo de prática pedagógica voltada para a percepção sociolinguística de plurais não-redundantes, apagamento de (-r), (-s) e (-m) em codas medial e final, além da elevação de /e/ e /o/ a [‘i] e [‘u] em pré e pós-tônicas. Esses cantos/pronúncias abrangem artistas de todas as cinco regiões do Brasil, conferindo à nossa proposta uma abordagem abrangente que pode servir como referência para o ensino de variação linguística em diversas escolas por todo o país.

Proposta 1: *ABC do Sertão*, de Luiz Gonzaga (falante pernambucano), a partir do gênero musical Forró/Baião:

Fragmento 1 – ABC do Sertão, Luiz Gonzaga

Lá no meu sertão pro caboclo lê
Têm que aprender um outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é sí, mas o érre
Tem nome de rê
[...]

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=cxH8rUuAuNg>>.

Transcrição:

Lá no meu sertão pro cabocu lê

Têm que aprendê um ôtro ABC

U joté ji, u éle é lê

U ésse é si, mas u érri

Tem nome di rê

Ao ouvir a canção *ABC do Sertão*, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas – interpretada por Luiz Gonzaga –, é possível perceber uma nítida variação linguística na pronúncia das palavras e até mesmo na explicação que a canção vai oferecendo, na medida em que avança. É possível afirmar que se trata de uma canção metalinguística (Mollica; Braga, 2008), dado que promove uma explicação/conscientização a respeito do falar regional de um grupo de pessoas (falantes da zona rural/sertanejos).

No canto/trecho selecionado para análise, o (-r) em coda final é pouco produtivo, haja vista que há apagamento em 100% das palavras contidas no referido exemplo: [‘leø]; [‘aprêdeø]. Esse apagamento se configura como um traço gradual (Bortoni-Ricardo, 2004), dado que ocorre não somente em regiões rurais do Brasil, mas é um fenômeno que pode ser observado expressivamente também nas áreas urbanas.

Além disso, nesse fragmento do canto/canção, pode-se observar outros fenômenos de variação linguística, como o fato de o /u/ pós-tônico em [‘oøtru] chegar a ser completamente apagado, configurando uma monotongação. Também o /o/ átono, aparece elevado a /u/: [‘u ʒote ʒi...; u eli ε le], como também há elevação de /o/ a /u/ na palavra /sertão/, sendo pronunciada [‘sɛxtəw] em posição pós-tônica. Também, na descrição da consoante /r/, em [‘ɛxi], e na formação da preposição /de/, em [‘dʒi], o /e/ pós-tônico é elevado a [‘i], na condição de traço gradual. Neste último caso, o exemplo trata de um fenômeno encontrado também entre os falantes de áreas urbanas (Bortoni-Ricardo, 2004).

É conhecido que Luiz Gonzaga e seus parceiros, principalmente Zé Dantas e Humberto Teixeira, possuem uma obra musical de significativa importância para a cultura brasileira, e suas canções refletem traços de regionalidade. A fim de evitar que nossa proposta seja interpretada de maneira regionalista, optamos por selecionar outros trechos de canções para a descrição e análise. Isso visa demonstrar como a variação fonológica pode ocorrer entre os diferentes tipos de falantes, como pode ser observado na proposta 2.

Proposta 2: *A ordem natural das coisas*, de Emicida (falante paulista), sob o gênero musical Rap:

Fragmento 2 – A ordem natural das coisas, Emicida

[...]

De madrugada é que as aranha tece no breu
E amantes ofegantes vão pro mundo de Morfeu

[...]

Orvalho é o pranto dessas planta no sereno
A Lua já tá no Japão, como esse mundo é pequeno

[...]

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=4cXOAqWOIcM>>.

Transcrição:

(...)

di madrugada é qui as aranha téci nu breu

I amantis ofegantis vão pru mundu di morfeu

(...)

Orvalhu é u prantu dessas planta nu serenu

A lua já tá nu japão comessi mundé piquenu

(...)

Ao ouvir esse segundo fragmento, da canção de Emicida e Damien Seth, interpretada por Emicida, é possível perceber a ocorrência da regra de plural não-redundante (Bortoni-Ricardo, 2004) em /as aranha téci nu breu/, havendo apagamento do (-s) em coda final na pronúncia de [‘arɛnʃaø] e apagamento do (-m) em coda final em [‘tesio]. Há também ocorrência de plural não-redundante em /dessas planta nu serenu/, realizando também apagamento do (-s) em coda final na palavra [‘plɛtaø]. Configura-se, portanto, como um fenômeno de variação linguística de traço gradual, dado que o artista é um falante de um grande centro urbano do país.

Também, observa-se nessa descrição de trecho de canção a elevação do /e/ em monossílabo átono em /que/, assumindo a forma fonológica [‘ki]; também em sílabas pós-tônicas: /teci/, sendo pronunciado [‘tesio]; em /amantes/, que fica [‘amɛtis]; em /ofegantes/, que assume a estrutura fonológica [ɔfɛgɛtis]; e em /esse/, sendo pronunciado como [‘esi]. Ocorre, similarmente, elevação do /o/ nos monossilábicos átonos /pro/ e /no/, sendo pronunciados [‘pru] e [‘nu]; e em posição pós-tônica nas palavras [‘mũdu], [‘ɔrxvalju], [‘prɛtu], [‘zapɛu], [pikẽnu] (esta última palavra também apresenta elevação do /e/ em [‘i] na sílaba pré-tônica). Ainda neste fragmento, é possível perceber a supressão do /o/ pós-tônico, seguido de sílaba tônica, em [‘mũdøɛ] /mundo é/. Tal fenômeno se configura como

uma ressilabação, que é a junção de uma consoante pós-vocálica à vogal da palavra seguinte (Seara, 2011).

Proposta 3: *Modo turbo*, de Luísa Sonza (falante gaúcha), Pablllo Vittar (falante maranhense) e Anitta (falante carioca), mediante o gênero musical Funk:

Fragmento 3 – Modo turbo
Apostu contigo, vai fazer o que eu quiser
Com essa turbulência tu não vai parar em pé
Hoje eu fico louca, looping de beijar na boca
Vem comigo quem aguenta essa porra a noite toda
Crazy, crazy, crazy
Me levar pro canto pode
No meu love, love
Hã, hã, hã
[...]

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=QcS9ZndErHc>>.

Transcrição:

Anitta – *Apostu cuntigu vai fazê o qui eu quiser
cum essa turbulência tu num vai pará im pé*

Luísa Sonza – *Hoje eu fico lôca looping di beijá na boca
Vem comigo quem aguenta essa porra a noiti toda
(...)*

Pablllo Vittar – *Neim chamô i eu já fui,
si deu bõ, vai dá ruim
cê não vai isquecê (...)*

A partir do canto/pronúncia de Luísa Sonza, Pablllo Vittar e Anitta, do fragmento transcrito da canção de autoria de Rafinha RSQ e Rennan da Penha, é possível perceber a elevação de /o/ pós-tônico em /apostu/, sendo pronunciado [‘apøstu]. Também ocorre apagamento de /o/ pré e pós-tônico em /contigo/, sendo pronunciado [‘kũtʃigu]. Além desses fenômenos, nota-se o apagamento do (-n) em coda medial, na palavra [‘turbuløsjã]; apagamento de (-r) em coda final nas palavras [‘parãø], [‘bejzãø], [‘daø] e [‘eskeseø]; e apagamento do (-m) em coda final na palavra [‘bõø]. Observa-se, também, a supressão do /u/ pós-tônico em [‘lõøka] e em [‘fãmøø] configurando o fenômeno de monotongação, bem como elevação de /e/ a [‘i] nos monossilábicos /que/, /em/, /de/ e /e/ e elevação de /e/ a [‘i] em posição pós-tônica na palavra [‘eskeseø], sendo pronunciadas da seguinte forma: [‘ki], [‘ʔ], [‘dʒi], [‘i], [‘iskeseø].

Percebe-se que, na canção, as pronúncias de falantes do Maranhão, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul apresentam traços graduais de variação linguística não enquanto um aspecto próprio de um falante regional, mas como uma característica/possibilidade da própria estrutura linguística do PB. Essa estrutura, não raras vezes, segue o padrão do apagamento de (-r, -s, -m) em codas medial e final, bem como elevação de /e/ e /o/ a [‘i] e [‘u] nas mais diversas regiões do país.

Proposta 4: *No meio do Pitiú*, de Dona Onete (falante paraense), a partir do gênero musical Carimbó:

Fragmento 4 – No meio do Pitiú

Eu fui cantar carimbó
Lá no Ver-o-Peso
Urubu sobrevoando
Eu logo pude prever
Parece que vai chover
Parece que vai chover
Depois que a chuva passar
Vou cantar carimbó pra você
[...]

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=CkFpmCP-R04>>.

Transcrição:

Eu fui cantá carimbó

Lá no ver-o-peso

Urubu sobrevoandu

Eu logo pude prevê

Pareci qui vai chuvê

Pareci qui vai chuvê

Depôx qui a chuva passá

Vô cantá carimbó pra você

(...)

Após ouvir esse trecho de canção, cantada e de autoria de Dona Onete, é possível perceber o apagamento do (-r) em coda final nos verbos infinitivos [‘kɛtaø], [‘preveø], [‘foveø] e [‘pasaø]. Além disso, há elevação do /o/ a [‘u] em posição pré-tônica na palavra /chover/, sendo pronunciada como [‘juveø]; também pré e pós-tônica na palavra /sobrevoando/, sendo pronunciada como [‘sobrevuødu]. Na pronúncia da canção também ocorre a elevação do /e/ a [‘i] pós-tônico na palavra /parece/, sendo pronunciada [‘paresi]. Outro fenômeno que pode ser observado é na locução /ver-o-peso/, na qual ocorre a

ressilabação, que é a contiguação de uma palavra terminada em consoante ver e outra iniciada com vocal o, sendo pronunciada [‘veropezu].

Também há, na palavra /depois/, a monotongação do ditongo e presença da consoante fricativa alveopalatal surda [ʃ], sendo pronunciada da seguinte maneira: [‘depoʃ] (Seara, 2011). Outro fenômeno de elevação do /e/ a [‘i] ocorre no vocábulo conectivo /que/, formado por uma única sílaba, sendo pronunciado da seguinte maneira: [‘ki]. O fenômeno ocorre porque tal vocábulo se configura como monossílabo átono, isto é, palavras vazias de sentido (artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação - preposições e conjunções) (Cegalla, 2008), justificando, assim, a elevação.

Proposta 5: *Eu preciso aprender a só ser*, de Gilberto Gil (falante baiano), sob o gênero musical MPB:

Fragmento 5 – Eu preciso aprender a só ser
Sabe, gente
É tanta coisa pra gente saber
O que cantar, como andar, onde ir
O que dizer, o que calar, a quem querer
Sabe, gente
É tanta coisa que eu fico sem jeito
Sou eu sozinho e esse nó no peito
Já desfeito em lágrimas que eu luto pra esconder
Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=zNDXi9KCBL8>>.

Transcrição:

Sabi, genti
É tanta coisa pra genti sabê
O qui cantar, comu andar, ondi ir
O qui dizer, o qui calar, a quem querer
Sabi, genti
É tanta coisa qui eu fico sem jeito
Sô eu sozinho i essi nó nu peitu
Já desfeito em lágrimas qui eu lutu pra isconder

Ao ouvir Gilberto Gil cantar esse trecho de sua canção, nota-se que nele também ocorre variação linguística a qual não corresponde à regra de correspondência biunívoca entre som e forma (Barreira; Maluf, 2004) em palavras que apresentam elevação de /e/ a [‘i] na pronúncia. A exemplo, [‘sabi], [‘ʒëtʃi], [‘ki], [õdʒi], [‘i], [‘esi] e [‘iscõder]. Também ocorre elevação de /o/ a [‘u] nas palavras [‘komu], [‘sozĩnjo], [‘pejtu], [‘desfejtu] e [‘lutu].

Nota-se que, na maioria dos verbos infinitivos pronunciados pelo falante, nesse trecho de canção, o /r/ em coda final não é apagado. Cita-se como exemplo a pronúncia das palavras /cantar, andar, ir, dizer, calar, querer, esconder/. Contudo, na palavra [‘sabeø] o (-r) em coda final é suprimido. Entende-se que, embora a canção tenha sido pensada para pronunciar a norma padronizada da língua, o que de fato ocorre na pronúncia da maioria dos verbos infinitivos, em algum momento ocorre, também, a variação linguística internalizada, cuja característica consiste no apagamento da vibrante em final de palavra (Seara, 2011).

Após as análises, argumentamos que a utilização do canto/interpretação de canções brasileiras como recurso didático apresenta ganhos que transcendem os limites da sala de aula, contribuindo para uma educação mais inclusiva, culturalmente rica e alinhada às demandas contemporâneas. Percebe-se que os intérpretes/falantes de canções brasileiras, de diversas localidades, podem servir de ferramenta pedagógica produtiva para as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs a utilização do canto/pronúncia de falantes/intérpretes musicais brasileiros no ensino de Língua Portuguesa. As canções são interpretadas por artistas como Luiz Gonzaga, Emicida, Luísa Sonza, Pablllo Vittar, Anitta, Dona Onete e Gilberto Gil, todos falantes de diferentes regiões do país e com característica diversidade de gêneros, do forró/baião ao *rap*, *funk*, do carimbó à MPB, garantindo representatividade regional de falantes nas cinco canções selecionadas. O foco se deu principalmente na reflexão pedagógica sobre o fenômeno da variação linguística, especificamente nos aspectos fonético-fonológicos.

A justificativa para tal proposta residiu na necessidade de conscientizar os estudantes da educação básica sobre a diversidade e complexidade das línguas naturais. Esta abordagem visou realizar um trabalho pedagógico alinhado com as orientações de documentos educacionais oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que também fosse relevante para a vivência dos estudantes em diferentes regiões do Brasil.

O argumento central desta proposta, no entanto, não buscou menosprezar a importância de incluir os diversos públicos estudantis na norma padrão da língua. Pelo contrário, buscou combater o preconceito linguístico, evidenciando que a variação no uso da língua não se limita a uma região específica do país, tampouco é característica de apenas um grupo de falantes. Trata-se de um fenômeno presente em todo o país, independente de regiões geográficas e níveis de escolaridade.

As análises realizadas destacaram que a utilização do canto/pronúncia de falantes/intérpretes musicais brasileiros de diferentes localidades, como paulistas, cariocas, pernambucanos, maranhenses, baianos e paraenses, pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz nas aulas de Língua Portuguesa. Especialmente relevante é a escolha de músicas de gêneros diversos, capazes de atender à preferência musical e interesse de alunos variados, constituindo um recurso envolvente para a sala de aula.

Como resultados, foi possível observar que alguns fenômenos linguísticos são inerentes ao PB, como o apagamento de consoantes em coda (-r, -m e -s), plurais não-redundantes, elevação de /e/ e /i/ a [‘o] e [‘u] em sílabas átonas, monotongações e ressilabações. Dessa forma, compreendemos que o exercício de percepção sociolinguística, mediante a audição de músicas brasileiras interpretadas por falantes diversos, pode configurar um trabalho pedagógico eficaz, preciso e atraente.

Por fim, é evidente a necessidade de mais estudos que aprofundem e expandam a proposta de utilização do canto/pronúncia de falantes/intérpretes musicais brasileiros no ensino de Língua Portuguesa. Investigações futuras poderiam explorar outros aspectos linguísticos e culturais, bem como incorporar uma gama ainda mais diversificada de gêneros musicais e regiões do Brasil. Além disso, seria valioso avaliar a eficácia dessa abordagem em diferentes contextos educacionais e níveis de ensino, buscando sempre alinhamento com diretrizes pedagógicas como a BNCC e o PNL. Esses estudos são fundamentais para consolidar práticas educacionais que valorizem a diversidade linguística e cultural do país, promovendo uma educação inclusiva e consciente da riqueza das variações linguísticas presentes no Brasil.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.

- BARREIRA, Sylvia Domingos; MALUF, Maria Regina Variação linguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 35-46, 2004. Acesso em 30 de agosto de 2023.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.
- BORGES NETO, José. Ensinar gramática na escola? *Revel*, [s. l], v. 11, n. 7, p. 68-83, nov. 2013. Edição especial.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; VIEIRA, Silvia Rodrigues. GT de Sociolinguística e ensino. *Revista da Anpoll*, [S.L.], v. 52, n., p. 138-156, 27 set. 2021. ANPOLL.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2020: *Língua Portuguesa – guia de livros didáticos*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 201 p, 2020.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios de Linguagem*, v. 4, n. 2, p. 173-194, 27 fev. 2011.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖSKI, Maria Edair; SOUZA, Christiane Maria Nunes de.; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer a Sociolinguística*. São Paulo. Contexto, 2018.
- DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. Trad.: Maria Aparecida Barbosa; Maria Fátima Moreira; Cidmar Pais. São Paulo: Global, 1981.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto), [S.L.], v. 65, n. 0, p. 1-27, maio 2021. UNIFESP (SciELO).
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, [S.L], ANPOCS, p. 223-244, 1984.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Ronald Beline. Novas maneiras de analisar a percepção sociolinguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, [S.L.], v. 27, n. 4, p. 1581, 11 out. 2019a. Faculdade de Letras da UFMG.

MENDES, Ronald Beline. O efeito de múltiplas variáveis na percepção sociolinguística. *Guavira Letras*, [s. l.], v. 15, n. 31, p. 108-123, dez. 2019b.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Cortez, 2008.

MOREIRA, Roniela Almeida; CARMO, Beatriz Santana do; SILVA, Maria da Guia Taveiro. Análise da variação linguística em fachadas comerciais como proposta de letramento. *Philólogus*, Rio de Janeiro, v. 78, n. 26, p. 839-853, dez. 2020.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Letramento. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro HORA, Dermeval da. Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931.

SEARA, Izabel Christiane; NUNES, Vanessa Gonzaga; LOZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Fonética e fonologia do Português Brasileiro*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2007.

Recebido em: 22/05/2024

Aceito em: 20/10/2024

Dayane Pereira Barroso de Carvalho: doutoranda em Linguística e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA) e do Grupo de Estudos do Dicionário (GEDI/UFNT). Bolsista CAPES - Nível Doutorado.

Gilberto Freire de Santana: doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenador e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE), Mestrado em Letras da Universidade Estadual da Região

Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Coordenador do grupo de pesquisa GELITI - Grupo de Estudos Literários e Imagéticos, atuando na linha de pesquisa Estudos Literários em Diálogos com Outros Saberes e Cinema e Ensino.

Maria da Guia Taveiro Silva: doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB). Atua como professora no curso de Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) pela mesma universidade, na linha de pesquisa Linguagem, Memória e Ensino. Coordenadora do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA).